

## UM PANORAMA DOS ACIDENTES POR ANIMAIS PEÇONHENTOS NO BRASIL

**Claudio Machado<sup>1</sup>**

Acidentes por animais peçonhentos representam um sério problema de saúde pública nos países tropicais. Dados do Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas (SINITOX) mostram que animais peçonhentos são o segundo maior agente de intoxicação humana no Brasil, sendo suplantado apenas por medicamentos. O Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), vinculado ao Ministério da Saúde, vem a cada ano registrando um aumento nos números de notificações para animais peçonhentos. Em 2010 foram notificados cerca de 124.000 acidentes por animais peçonhentos. Em 2014 esse número se ampliou para mais de 170.000 acidentes, sendo os mais frequentes os causados por escorpiões (cerca de 88.000 acidentes), seguidos por serpentes e aranhas (cerca de 27.000 acidentes cada) e por abelhas (cerca de 14.000 acidentes).

Essa enorme gama de grupos de animais acaba por conduzir a acidentes graves, levando a milhares de pacientes com sequelas, muitas delas incapacitantes, podendo evoluir à óbito. Apesar dos números elevados, a real magnitude dos dados epidemiológicos ainda é inconsistente no Brasil devido ao grande número de subnotificações e das omissões de dados no preenchimento de muitos campos da ficha de Investigação.

Esse elevado número de acidentes por animais peçonhentos nos países tropicais levou a Organização Mundial da Saúde (OMS) a enquadrá-los em 2009 na lista de Doenças Tropicais Negligenciadas (DTNs), que reúne enfermidades erradicadas ou praticamente erradicadas nos países desenvolvidos, mas que persistem naqueles em desenvolvimento. Como a maioria da população afetada por esse agravo tem pouca influência política, as DTNs têm baixo

---

<sup>1</sup> Biólogo. Doutorando em Medicina Tropical pelo Instituto Oswaldo Cruz (FIOCRUZ/RJ). Chefe da Divisão de Herpetologia - Instituto Vital Brazil. E-mail: herpetologia2@gmail.com

impacto nas prioridades das políticas públicas de saúde. Isso implica em baixos investimentos em pesquisa, prevenção e fragilidade dos fluxos de informação epidemiológica que reforçam a perpetuação de condições de pobreza e baixas condições de saúde.

Em todo o Brasil, o número de acidentes por animais peçonhentos vem crescendo, inclusive nas grandes capitais, em virtude principalmente de desequilíbrio ecológico ocasionado por desmatamento e alterações climáticas ocorridas ao longo de vários anos. Esses fatores, aliados ao crescimento urbano desordenado, geram a sobreposição de uso do espaço pelo homem e por esses animais, que acabam buscando abrigo e alimento nas cidades. A ocupação das áreas peri ou intra-domiciliares pelos animais peçonhentos nas grandes cidades vem alteração o perfil desses acidentes, que antes eram quase que exclusivamente rurais. Atualmente algumas grandes metrópoles, como Rio de Janeiro e São Paulo, já apresentam índices de notificações de acidentes superiores as regiões menos urbanizadas, principalmente no que se refere aos acidentes por serpentes, podendo-se aplicar o termo “urbanização do ofidismo” no nosso país.

Em pleno sec. XXI ainda temos muitos problemas a resolver neste campo. Dentre eles podemos citar a ausência de um retrato nacional confiável sobre os acidentes por animais peçonhentos em função do grande número de sub-notificações; a escassez de programas de treinamentos constantes para profissionais de saúde, visto que raras universidades no país possuem disciplinas dedicadas exclusivamente ao tema; a pouca conscientização da importância do preenchimento correto das Fichas de Notificação por parte das equipes de saúde; a não disponibilização total das variáveis clínicas e epidemiológicas pelos sistemas de informação nacionais; a não implementação de programas de apoio aos acidentados que sofreram sequelas e a falta de programas preventivos e educativos que deveriam ocorrer em nível comunitário, com o desenvolvimento de material didático adequado a cada faixa etária e com a participação ativa das organizações locais.

Somente com a integração de órgãos governamentais, pesquisadores, profissionais de saúde, professores e gestores de saúde pública, conduzindo o problema dos acidentes por animais peçonhentos ao seu real lugar de

relevância, poderemos minimizar os graves impactos que esses acidentes vêm causando na população.